

A vivência do Cinema nas Cidades. O caso do Funchal

ANA PAULA TEIXEIRA DE ALMEIDA*

Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira



Teatro Funchalense e Jardim Municipal - postal a partir de fotografia da transição séc. XIX/XX
(antigo Teatro Dona Maria Pia e atual Teatro Municipal Baltazar Dias, onde, pela primeira vez no Funchal e ainda no século XIX, se exibiram o cinematógrafo e outras modalidades de imagem em movimento)
[imagem disponível [aqui](#)]

Resumo

O Funchal, centro da Ilha, era, na transição para século XX, uma cidade pobre e pequena, com demasiadas características rurais. Esta realidade não foi impeditiva para que, desde muito cedo, os funchalenses tivessem contacto com o cinema, uma das grandes invenções do final do século XIX.

O cinema terá acentuado as diferenças entre a cidade (Funchal) e o campo (resto da Ilha). De certa forma, o quotidiano, o conhecimento e a curiosidade dos habitantes da urbe, das várias camadas sociais, foram alterados. As várias salas inauguradas nas primeiras décadas do século XX revelam o interesse da população pelo cinema, e provocaram alterações na cidade e na forma como esta passou a ser vivida. Terá esta inovadora diversão contribuído para uma nova cultura urbana no Funchal, na viragem do século?

Palavras – chave: Cidade, Cinema, Cultura, Funchal, Rural, Urbano

Abstract

Funchal center of Madeira Island, was, in the transition to the twentieth century, a poor and small town, with too many rural characteristics. This reality did not prevent the population of Funchal from having contact with the cinema, one of the great inventions of the late nineteenth century.

The cinema has even accentuated the differences between the city (Funchal) and the countryside. In a way, the daily life, the knowledge and the curiosity of the various social layers of the population of the city were modified. The various auditoriums, inaugurated in the first decades of the twentieth century, reveal the interest of the population for the cinema, and they promoted changes in the city and in the way it was felt. Will this innovative fun contribute to a new urban culture in Funchal at the turn of the century?

Keywords: City, Cinema, Culture, Funchal, Rural, Urban

Nos anos 30 do século XX foi proposta a noção de “continuum rural-urbano” em substituição da anterior polarização antagónica – que considerava “urbano” e “rural” como áreas contrapostas, espaços com características próprias e isoladas – levando a uma diferente conceção espacial. Não há espaços rurais e espaços urbanos, há ruralidades e urbanidades, que, na cidade e no campo, se combinam e geram as territorialidades particulares de cada localidade, município ou recorte regional (BIAZZO, 2008).

Para Edgar Morin, “a cultura na nossa sociedade é um sistema simbiótico-antagonista de múltiplas culturas, nenhuma delas homogénea” (*apud* SANTOS, 1988: 690). Assim, não podemos fazer uma distinção rígida entre cultura urbana e cultura rural. Passamos de comunidades rurais dispersas com cultura tradicional para uma sociedade predominantemente urbana, onde se encontra uma oferta simbólica, heterogénea e renovada por uma constante interação do local com as redes nacionais e transnacionais de comunicação (CANCLINI, 1997). A sociedade urbana e a rural não se opõem totalmente. A cidade e o campo partilham mudanças de pensamento e de gostos, que se tornam coincidentes (CASTELLS, 1973).

No início do século XX, na Madeira – embora o Funchal fosse pobre e “pouco urbano” comparativamente com outras cidades, subsistindo muitos vestígios de ruralidade – a disparidade entre os meios rural e urbano era abismal. Esta era agravada pela má ou inexistente comunicação com o “resto do mundo”. A distância em relação ao restante país – poucos eram aqueles que viajavam, pelo menos uma vez na vida, até ao “continente” – e as más ligações dentro da Ilha acentuavam o isolamento vivido pela população rural madeirense. No campo, a população era, na sua maioria, muito pobre, com características físicas muito peculiares e reveladoras

de má nutrição, principalmente no caso dos idosos. Fora do Funchal, a Ilha não tinha grandes condições e era muito pouco desenvolvida: estradas más, casas miseráveis, trabalho agrícola rudimentar, péssimas condições de trabalho. As mulheres, p. ex., sentavam-se no chão a fiar e a bordar e lavavam roupa ajoelhadas nas levadas.

Esta Madeira rural é bem visível nos filmes realizados por estrangeiros que a visitaram e que são demonstrativos de uma realidade insular com traços de primitividade.¹ No filme *Madeira the Land of Wine*, produzido pela The Van Beuren Corporation, em 1934, são referidos aspetos socialmente preocupantes: o trabalho infantil, a exploração das mulheres bordadeiras, as carências nas habitações, a falta e a má qualidade das estradas, as necessárias deslocações de barco entre as várias localidades, o isolamento das populações, as tarefas realizadas em muito más condições, como a dos boieiros e carregadores de redes, cujo trabalho era comparado ao dos escravos.

Talvez por isso, a população menos citadina só tivesse tido contacto com o cinema em setembro de 1910, treze anos depois da primeira exibição no Funchal. José Maurício Gomes e José Procópio de Gouveia divulgaram, então, o cinematógrafo ambulante com uma projeção realizada fora da urbe, em S. Gonçalo. Note-se que S. Gonçalo, considerado outrora “campo”, é uma das freguesias do Funchal e fica, hoje em dia, dentro do perímetro da cidade.

Nos primórdios do cinematógrafo, criado no século XIX mas com franca divulgação no século XX, em Portugal e no Mundo, assistir a um filme não era tarefa tranquila. Em Lisboa, os cinemas promoviam sessões contínuas de 12 horas, do meio-dia à meia-noite.² As famílias levavam grandes cestos e pacotes com o farnel, falavam alto, davam opiniões e provavam as iguarias trazidas. Na “província”

¹ São exemplos “Madeira 1930’s”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vHLe9dAayjM>, “A Garden in the Sea” (1931), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vUIWYORY3aE> e “Madeira the Land of Wine” (1934), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=a72qzCawZQw>.

² A primeira exibição cinematográfica ocorreu no dia 18 de Junho de 1896, no Real Coliseu, na Rua da Palma.

era, igualmente, uma aventura ir ao cinema: as salas pareciam barracas, eram frias e húmidas e tinham um cheiro incómodo. O texto “O filme dos cinemas de bairro”, publicado na revista *Imagem* e escrito por Guedes de Amorim, em 1931, caracteriza a população que assistia aos filmes projetados nestas salas:

Fatos de ganga, bonés, mulheres de xaile, engraxadores, cortesãs, carroceiros, gente que sobe dificilmente a ladeira da vida, chorando e cantando, vêm aqui passar um pedaço de noite, vêm aqui comprar umas migalhas de alegria. [...]. Lá mais para a frente, nos lugares baratos, nos lugares que custam só um escudo, vai uma alegria desenfreada! Ouvem-se gritos, assobios, aplausos, e, de quando em quando, exclamações arrojadas dominam o bulício [...]. (*Apud* ACCIAIUOLI, 2013: 119)

Embora o Funchal fosse, na viragem do século, uma cidade pequena, sem condições de base e com graves problemas de salubridade, não fugiu a este fenómeno. Exibido pela primeira vez no século XIX, no Teatro D. Maria Pia, o cinema depressa começou a fazer parte do quotidiano dos habitantes da cidade, ricos e pobres.³ O interesse dos funchalenses pelo cinema era evidente e, a demonstrá-lo, temos as várias salas inauguradas nas primeiras décadas do século XX. A primeira sala de espetáculos foi o Pavilhão Grande, na Praça da Rainha, ainda no século XIX. Seguiram-se: Teatro Águia D’ Ouro (1907, Praça da Rainha), Pavilhão Paris (1909, Rua João Tavira), Salão Ideal (1910, Rua da Princesa), Salão Central (1910, Rua da Queimada de Baixo), o Salão Variedades (1910, Rua de S. Francisco), Teatro-Circo (1911, Praça Marquês de Pombal) e Salão Ideal (1923, Rua de Santa Maria).

³ O animatógrafo foi visto pela primeira vez, no Funchal, no dia 15 de maio de 1897. O espetáculo promovido pelos irmãos Rodrigues – Henrique Augusto (1856-1934) e João Anacleto (1869-1948) – decorreu no *Teatro D. Maria Pia* (atual *Teatro Baltazar Dias*) e foi, segundo a imprensa, do agrado geral. O programa das primeiras sessões era composto por doze curtas-metragens, registos documentais *à moda dos irmãos Lumière*, complementadas pela música de uma orquestra. Estas películas, de origem francesa e de formato *Joli-Normandin*, datam de 1896 e 1897.

A discrepância de literacia foi, durante muito tempo, óbvia: nas camadas populares o analfabetismo era enorme e escasseavam hábitos culturais. A subsistência era, para uma grande parte da sociedade, uma das preocupações dominantes.

Além destas salas, havia projeção de filmes em espaços menos convencionais, dos quais se destacavam a praia de São Tiago, o Jardim Municipal (Cine-Jardim), o jardim do Hotel Monte Palace, o Parque das Cruzes (na Quinta das Cruzes, o Cine-Cruz), o Patronato de S. Pedro (Beco Paulo Dias, nas Angústias), o Casino Victória (Rua Alexandre Herculano), o Colégio Lisbonense, o Salão Teatro dos Álamos, a Banda Distrital do Funchal, entre outros.

A abundância de locais provocou a concorrência entre eles. Os proprietários passaram a dinamizar os espaços de forma mais competitiva: promoveram a publicidade, reduziram os preços dos bilhetes, ofereceram melhores filmes e equipamento, exibiram espetáculos de variedades (bailados, cançonetas, duetos e múltiplos números de palco). Mas ir ao cinema não se limitava só à visualização de um filme, era quase garantido receber um brinde que podia ir desde bengalas, pentes e relógios, a bombons para os mais pequenos. Tal como os programas das várias salas, os brindes eram anunciados na imprensa da época.

Os diversos locais, ao longo de todos estes anos, estavam vocacionados para diferentes tipos de filmes. Enquanto alguns espaços exibiam cinema de cariz popular e de aventura, outros, como o Teatro Municipal, pendiam para as fitas de maior qualidade. Outros, ainda, como o Hotel Monte Palace, promoviam sessões de cinema exclusivamente dedicadas à elite funchalense.

Demonstrando algumas preocupações sociais, a empresa que explorava o Pavilhão Paris decidiu que aos sábados haveria sessões a metade do preço, de modo a proporcionar às classes operárias umas horas de distração. A função benemérita era uma das vertentes do cinematógrafo, valorizada na época por vários empresários regionais. Com alguma frequência, o produto da exibição revertia a favor de uma família desfavorecida, de vítimas de uma catástrofe, de uma associação profissional, cultural, entre outras.

Embora o Cine-Jardim, no Jardim Municipal, tivesse espetáculos dedicados aos diferentes grupos sociais – as récitas da moda e as récitas populares – neste

espaço comemoravam-se efemérides com a projeção de películas do agrado do público em geral. Em outubro de 1923, o filme comemorativo do 5.º Centenário da Descoberta da Madeira, produzido pela *Madeira Film*, há muito tempo desejado pelo público funchalense, foi exibido no jardim municipal.⁴ No dia 17, os funchalenses foram “ver-se” no ecrã, porque o *Correio da Madeira*, que iniciou a notícia com a pergunta “V. Exa. já viu a sua figura n’ um ecrã de cinematógrafo?”, explicou que o filme “contém sem dúvida a fotografia de todos os moradores do Funchal, pelo menos de todos que saíram à rua por ocasião dos festejos comemorativos do Vº Centenário da Descoberta da Madeira” (*Correio da Madeira*, 17/10/1923, pág. 2). Certamente o Cine-Jardim superlotou. Os habitantes da cidade, aliciados com a divulgação do jornal, acorreram à bilheteira para assistir à “[...] larga metragem, dividida em cinco partes”. (*Diário de Notícias*, 01/04/1923 *apud* SOARES, 2000: 217).

Esta película, de cerca de mil metros, que seria exibida nos cinemas de todo o mundo, foi enviada para Lisboa no dia 29 de março de 1923 (*Correio da Madeira*, 29/03/1923, p. 2), sendo projetada lá antes de ser vista na Madeira. Perante a situação, o *Diário de Notícias* apelou:

Lançado com inegalável sucesso este empreendimento, urge completá-lo: dotando a cidade com um cinema modelo, chic, á altura das exigencias do publico elegante, – cá do burgo e da colonia hibernal. Para que se não dê o contrasenso, como agora acontece, das películas madeirenses se exibirem lá fóra, antes de passadas no ecran dum cinema da nossa terra. (*Diário de Notícias*, 01/04/1923 *apud* SOARES, 2000: 220)

Nas salas de cinema, o comportamento do público nem sempre era o desejável. Mas, não eram só os autóctones que provocavam desacatos. Demonstrativo disso foi o sucedido no dia 1 de janeiro de 1901, no Pavilhão Grande. Numa festa dedicada à comunidade estrangeira, aquando da projeção de

⁴ Criada em 1922, a *Madeira Film* tinha como diretor e proprietário Francisco Bento de Gouveia (1873 – 1956), e como operador Manuel Luiz Vieira (1885 – 1952). A *Madeira Film* realizou e produziu vários documentários e *vistas* da Madeira, películas inteiramente regionais, com divulgação nacional e internacional.

imagens da guerra do Transvaal, e em resultado de comentários menos apropriados à situação, alguns britânicos e madeirenses envolveram-se numa luta que se estendeu à orquestra presente.

Outro problema era a desorganização na compra dos bilhetes e na entrada para as salas, resultante, talvez, da falta de hábitos de convívio, o que levou a que os responsáveis pelos espaços apelassem à compra antecipada das entradas, e que os jornais comunicassem a importância da supervisão do guarda de serviço na área.

Em situações mais extremas e quando o espetáculo não agradava ouviam-se insultos, chegando mesmo alguns objetos a serem arremessados. Tais episódios eram descritos e censurados pelo jornalismo da época. Em 1907, a Câmara Municipal do Funchal, a fim de impedir a má educação dos espectadores, decretou a “proibição de clamores e gritos”, colocando um polícia em todas as sessões (MARQUES, 1997). Em 1918, o semanário *Trabalho e União* alertou para a “malcreada imprudencia de alguns espectadores” (*Trabalho e União*, 30/11/1918, p. 3), no Pavilhão Paris, que estragou as interessantes sessões de animatógrafo. Quinze dias depois, o mesmo jornal, e relativamente ao mesmo espaço, comentava: “Pena é que os graciosos não deixem os pezinhos em casa” (*Trabalho e União*, 14/12/1918, p. 3).

A partir da década de 50, a exibição cinematográfica foi monopolizada por dois espaços: o Cine Parque (de João Firmino Caldeira) e o Cine Jardim (de João Jardim). A concorrência entre estas duas salas era feroz e visível através da publicidade e promoções constantes. Uma década depois assistiu-se a uma modernização das salas e ao aparecimento do cineclubismo, com o Cine Fórum. A inauguração do Cinema João Jardim (1966) – com a distribuição da sala, os diferentes tipos de cadeira e a variação do preço dos bilhetes – fomentou uma distinção social semelhante à do início do século. Transformou-se, contudo, na sala de maior sucesso do Funchal até ao aparecimento do Cinema Santa Maria e Cine Casino, funcionando até 1982.

Os anos 80 testemunharam o encerramento de várias salas de cinema, como o Cinema João Jardim e o Cine Parque. Na década seguinte assistiu-se à remodelação de algumas salas (como o Cinema Santa Maria) e a abertura de outras – Cine Deck, Cine Max e Cinema D. João – que tiveram uma curta duração, situação provocada pela quebra de público devido à concorrência do vídeo.

Na transição do século XX para o século XXI, as salas, concentradas no centro da cidade, deslocaram-se para os centros comerciais, acompanhando as diversas mudanças ocorridas na urbe. Esta deslocação reflete transformações no mercado exibidor e na distribuição de filmes. Verificou-se a abertura de cinemas multi-salas, associados a grandes distribuidoras. Nestas salas, os filmes exibidos são, geralmente, de cariz comercial e facilmente perceptíveis pelos grupos menos letrados. O cinema alternativo, mais analítico – festivais e mostras de cinema – está particularmente associado ao Teatro Municipal Baltazar Dias.

O cinema, atualmente, tem como grandes concorrentes a televisão por cabo, o comércio de DVD e as múltiplas alternativas de lazer, que têm levado à diminuição do seu público. Hoje, o cinema ocupa uma posição secundária nos momentos de pausa, contrariamente ao que acontecia outrora. Numa cidade tão parca em diversões, há 100 anos, a exibição cinematográfica era sempre esperada com expectativa. E isso era visível nos jornais locais:

Todas as noites temos tido no Circo [Teatro-Circo] o rendez-vous da nossa elite que ali vae gastar agradavelmente tres horas que são um compasso de espera na monotonia das ruas. [...] Se não fosse o Circo, ai de nós! Como nos arrastaríamos nostalgicamente pela vida dentro, n'esta terra falha de divertimentos e distrações... (*O Liberal*, 28/01/1915, p. 2)

Bibliografia impressa

- ACCIAIUOLI, Margarida (2013), *Os Cinemas de Lisboa. Um fenómeno urbano do século XX*, 2.ª edição, Lisboa: Bizâncio.
- CALDEIRA, Abel Marques (2007), *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX*, 3ª edição, Funchal: Editorial Eco do Funchal.
- CASTELLS, Manuel (1973), *La Cuestión Urbana*, 2.ª edição, México: Siglo XXI.
- LOPES, Agostinho do Amaral, *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935-1946*, Coleção "Funchal 500 Anos", nº 8, Funchal: Edição Empresa Municipal "Funchal 500 Anos".
- MARQUES, João Maurício (1997), *Os Faunos do Cinema Madeirense*, Funchal: Editorial Correio da Madeira.
- SILVA, António Ribeiro Marques da (1994), *Apontamentos sobre o Quotidiano Madeirense (1750-1900)*, Lisboa: Caminho.
- SOARES, Maria de Fátima Gouveia (2000), *Francisco Bento de Gouveia 1873 – 1956 – Vida e Obra*, Funchal, Espaço XXI.

Bibliografia digital

- ALMEIDA, Ana Paula Teixeira de (2010), *Lugares e Pessoas do Cinema na Madeira. Apontamento para a História do Cinema na Madeira de 1897 a 1930*, Coleção Teses, n.º 6, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico. [Publicação em CD-Rom].
- BIAZZO, Pedro Paulo (2008), "Campo e Rural, Cidade e Urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária", *4º Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa – ENGRUP*, São Paulo, pp. 132 – 150. Disponível online em http://w3.ufsm.br/qpet/engrup/ivengrup/pdf/biazzo_p_p.pdf . Consultado a 20 de março de 2014.
- CANCLINI, Nestor Garcia (1997), "Culturas híbridas, poderes oblíquos", *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*, São Paulo: EDUSP. Disponível online em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/garcia/garcia.pdf>. Consultado a 15 de setembro de 2017].
- SANTOS, Eletice Rangel (2000), *O sistema multiplex e a crise das salas de cinemas*

tradicionais em Salvador, Salvador: Repositório Institucional - Universidade Federal da Bahia. Disponível *online* em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12191/1/TCC%20ELETICE%20RANGEL%20SANTOS.pdf>. Consultado a 16 de setembro de 2017.

- SANTOS, M.^a Lourdes Lima dos (1988), "Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura popular, a cultura de massas)", *Análise Social*, Vol. XXIV (101-102), pp. 689-702. Disponível *online* em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223031340N1gDW0zb2Gm99PA2.pdf>

Consultado a 16 de setembro de 2017.

Ana Paula Almeida

Licenciada em História e Ciências Sociais pela Universidade do Minho. Mestre em Arte e Património pela Universidade da Madeira. É membro colaborador do CIERL - Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (Universidade da Madeira). Leciona desde o ano letivo de 1993/94. É professora do Quadro da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos da Torre, Câmara de Lobos. Exerce funções de natureza técnico-pedagógicas nos Serviços Educativos da Casa – Museu Frederico de Freitas (DRC).